

CARTA DE SÃO PAULO - ONLINE - ANO II - Nº1

Ter, 14 de Fevereiro de 2012 15:05



Biblioteca – (Memorial da América Latina - São Paulo)
Acervo,
seminário, resenha.



Papers em Pauta – Noite Preparatória ao VIII Congresso da AMP. Publicações

Intercâmbio e Cartéis – declare seu seminário.

Terra de Santa Cruz – XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano

Ecos do Mundo – Congresso da AMP

Seminários na EBP-SP



Noite Preparatória ao **VIII Congresso da AMP** abrirá as atividades do 1º Semestre de 2012 da EBP-SP, na quarta-feira, dia 7 de março às 21H00, na Rua João Moura, 674, Pinheiros.

Teremos a apresentação de textos publicados nos Papers por **Cristina Drummond** - Diretora da EBP, **Luiz Fernando Carrijo da Cunha** - Diretor da EBP-SP e **Rômulo Ferreira da Silva** - Conselheiro da EBP. Os comentários e debates serão de **Angelina Harari**, responsável por Papers no Comitê da Escola Una.

Intercâmbio e Cartéis

SEMINÁRIOS

Os membros interessados na declaração de seminários deverão encaminhá-los à EPB-SP. Todos os seminários são gratuitos e abertos aos interessados. No próximo número divulgaremos os seminários "por conta e risco".

Jornada de Cartéis

16 de junho, Marcelo Veras será o convidado para a Jornada. Formem seus Cartéis! Preparem seus trabalhos!

Novo Cartel

QUAL LUGAR PARA A ESCOLA DE LACAN?			
Rubrica Política			
Início: Agosto de 2011			
Carlos Augusto Nicéas (Mais-um)	Membro EBP/AMP	Escola: um conceito fundamental da psicanálise?	caniceas@terra.com.br
Cristiana Gallo	Membro EBP/AMP	Tempo e lugar na experiência da Escola de Lacan.	cristiana_gallo@hotmail.com

Eduardo Benedicto	Membro EBP/AMP	O lugar do grupo na formação analítica: possibilidades de articulação entre a causa do desejo e o desejo de Escola.	dubenedicto@yahoo.com.br
Fernando Prota	Membro EBP/AMP	O que significa a fórmula: membro de Escola?	f_prota@yahoo.com.br
Paola Salinas	Membro EBP/AMP	Transferência de Trabalho e Transferência Negativa.	paolasalinas11@yahoo.com.br

Biblioteca

Mídias



Facebook – Escola Psicanálise Ebp Sp com 2372 amigos

Siga-nos no **Twitter** - @ebp_sp

Blog – ebp-sp.blogspot.com, 6.437 visualizações

Site – www.ebpsp.org.br com 3.200.651 visitantes

Acervo - Novidades

A Biblioteca da **EBP-SP** recebeu no mês de janeiro novas publicações, disponíveis para consulta:

- Miller, Jacques-Alain. El banquete de los analistas. Buenos Aires: Paidós, 2010. (aquisição)
- Curinga - v.32 . Confins do Simbólico. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais, junho de 2011.
- Latusa 16 - Sexo e Morte. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio de Janeiro , 2011.
- Correio 68. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2011.
- Correio 69. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2011.
- Tempopsicanáltico - O amor e seus Transtornos – V. 43.1. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 2011.
- Psicologia USP/ Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – V. 22 . São Paulo, USP-IP, 2011.
- Bergasse 19 - v. 3. Clínica Psicanalítica e Arte. Rio de Janeiro: Escola Lacaniana de Psicanálise, 2011.
- Mezêncio, Márcia de Souza. Clínica Psicanalítica das psicoses: o impasse da transferência. Belo Horizonte: Coopmed, 2011.
- Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza, 2009. - Volume IX Nº 1 – março de 2009; Volume IX Nº 2 – junho de 2009; Volume IX Nº 3 – setembro de 2009; Volume IX nº 4 – dezembro de 2009.
- Revista Brasileira de Orientação Profissional. ABOP – Associação Brasileira de Orientadores Profissionais – V. 12, Nº 2. Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto, 2011.

Resenha

No Seminário sobre os caminhos da formação dos sintomas, **Miller**

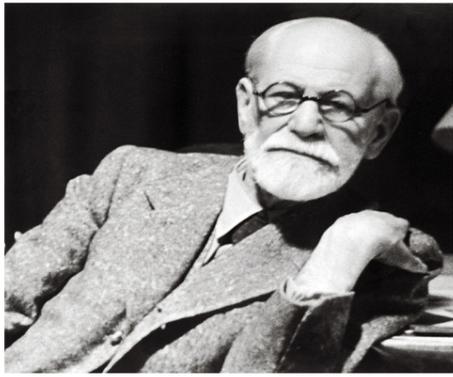
"Seminário sobre os caminhos da formação dos sintomas"

(2011) apresenta um detalhado e minucioso estudo sobre o sintoma nas obras de **Freud** e de **Lacan**. Logo no início o autor esclarece que as etapas deste cuidadoso trabalho desempenham a função de uma placa giratória, pois **Miller** acredita que para estudar o sintoma na psicanálise é necessário entender, tanto as etapas teóricas que levaram **Freud** e **Lacan** a formularem suas perspectivas acerca do sintoma, quanto à articulação entre estas. **Miller** chama a atenção para o fato de que, quando nos debruçamos sobre as produções de **Freud** e **Lacan** é preciso compreender o encadeamento dos conceitos e a arquitetura global de suas obras, pois só assim é possível dar o devido valor a cada frase.



Miller diz que "*todo ensino de Lacan é um comentário das conferências XVII e XXII de Freud*" (MILLER, 2011, p. 15). Essa afirmação, que articula de maneira contundente as obras de Freud e Lacan, é ainda mais fortalecida quando o autor nos diz que **as operações lacanianas(1) são efeito da lacuna deixada por Freud ao tentar articular os dois eixos fundamentais da sua teoria: a descoberta do inconsciente e a descoberta da sexualidade infantil.**

Miller nos diz que, ao invés de articular estas duas vertentes, **Freud**, na *Conferência XXII: algumas ideias sobre o desenvolvimento e regressão – etiologia* de 1915, faz uma justaposição, pois acaba por separar o recalque do registro da sexualidade. Parece que **Freud** não se deu conta de que poderia considerar aspectos da sexualidade enquanto efeito de fenômenos linguísticos do inconsciente. **Miller** acredita que esta observação acerca da obra freudiana levou **Lacan** a constatar que **Freud flutuava entre a realidade externa e a realidade psíquica.**



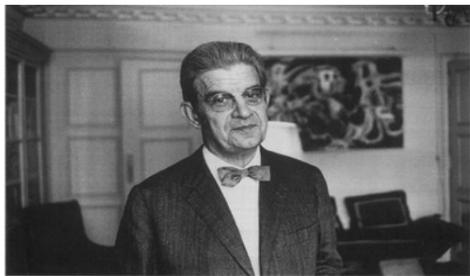
Até certo ponto de sua teoria, **Freud** supõe que é a realidade externa que se opõe ao querer dizer e faz barreira ao sexual, de modo que impede que representações cheguem à consciência, e obriga a libido a retornar aos estados primários do desenvolvimento. Contudo, a formulação do supereu decorre da constatação de que o que se opõe ao sexual é um obstáculo interno e não externo.

Na teoria freudiana os sintomas, assim como os sonhos, podem ser considerados como um meio de satisfazer os desejos sexuais ou como substitutos da "*satisfação que falta na vida*" (MILLER, 2011, p. 21). Com isso, fica claro que para **Freud**, uma satisfação pode ser substituída por outra sem prejuízo, ou seja, a satisfação pulsional é obtida a qualquer custo, independente do objeto.

A experiência clínica permitiu a **Freud** deduzir que o sintoma é consequência da impossibilidade de se dizer tudo; ao constatar que, se por um lado seus pacientes sofriam por seus sintomas e, por outro não queriam desfazer-se deles, **Freud** intuiu que algo impede que o sentido chegue à consciência e, como resultado, há o sintoma. A partir disso **Freud** passou a entender o sintoma como uma modalidade de satisfação, apesar do sofrimento que acarreta, ligada à interceptação do querer dizer que mantém o sentido no inconsciente. Ao formular o sintoma como uma conjunção de sofrimento e satisfação – satisfação esta que não se confunde com o prazer – **o precursor da psicanálise oferece subsídios que tornam possível a formulação do conceito lacaniano de gozo.**

Sendo o sintoma produto da repetição, deve ser entendido como um retorno da libido bloqueada. Tal bloqueio se dá tanto pela via do traumático, quanto do fantasmático. **Miller** diz que estes valores podem ser considerados como duas modalidades do mesmo fato: existe um elemento do passado do sujeito que não pode ser descartado. Por mais que uma análise teórica cuidadosa nos mostre que se trata de conceitos diferentes, devemos neste ponto, preservar o que têm em comum: **tanto o traumático quanto o fantasmático apontam para aquilo que é real** e que aconteceu no real. Com isso, **Freud** conclui que a satisfação é real, independente do caráter do passado – traumático ou fantasmático.

Quando a libido é interceptada por uma instância – seja a realidade externa ou o supereu – que lhe obriga a mudar de direção, o conflito para **Freud**, está posto. O destaque do conflito fica claro na própria definição de sintoma, na qual **Freud** diz que este é uma formação de compromisso entre forças opostas. Neste ponto, é importante destacar que na clínica de **Lacan**, no entanto, o conflito não existe.



Como foi dito no início, a teoria de **Lacan** passou por diferentes momentos – que, segundo **Miller**, dizem respeito às operações lacanianas– que repercutiram diretamente em sua clínica. **Miller** nos diz que **Lacan** teve várias clínicas do conflito: no início, opôs simbólico e imaginário; depois, simbólico e real; a seguir, **Lacan** nos apresenta a tensão existente entre o simbólico e objeto a. Com a clínica dos nós, **Lacan** constrói uma clínica do enodamento e não da oposição.

Isso não quer dizer que em sua clínica não exista o sofrimento. Ao dizer, em *Televisão*, que o sujeito é sempre feliz, **Lacan** faz referência àquilo que do sintoma aponta para o real da satisfação. O sujeito, ao procurar a análise, traz consigo seu sofrimento que decorre de suas dificuldades, mas não traz um embate entre forças contrárias.

A própria estrutura do nó borromeano não admite a oposição; ao contrário, sua estética indica que existe solidariedade entre os nós. Assim, não se trata de resolver o conflito, como na clínica freudiana, mas sim de promover o surgimento de um novo arranjo que seja menos custoso para o sujeito. Para **Lacan**, a problemática do final de análise diz respeito à uma nova modalidade de satisfação e também, à forma como esta dimensão é atravessada.

Segundo **Miller**, **Lacan**, ao dizer que o sintoma é da ordem do real, gira em círculos, pois esta afirmação aponta para um importante **paradoxo da teoria lacaniana**. Assim como **Freud**, **Lacan** reconhece que existe uma dimensão do sintoma que tem sentido; porém, **o real é o registro do não sentido**. Esta complexa e fundamental discussão levou **Lacan** a concluir que o real mente. Mente porque algo do sintoma é real; dito de outra maneira, para não mentir, o sintoma deveria estar todo no sentido. É nesta direção que **Lacan** fala das verdades variáveis do sintoma, ou, a *variedade* do sintoma. Neste ponto, **Miller** diz que **Lacan** não deixou uma teoria acabada, mas sim um campo problemático, que nos instiga a investigar, a partir de discussões e elaborações, aquilo que não está encerrado.

Nota

Mariana Galletti Ferretti Moritz

(1) Segundo Miller, as operações lacanianas correspondem às diferentes fases do ensino de Lacan. Num primeiro momento ele apresenta o sentido separado do gozo; depois estes aparecem articulados; numa outra etapa relacionam-se a partir de um movimento de dedução (alienação e separação); já a partir do aparelho do sentido, Lacan demonstra a produção do mais-de-gozar; e finalmente, há o enodamento dos registros real, simbólico e imaginário

Referência Bibliográfica

MILLER, J.-A. Seminário sobre os caminhos da formação dos sintomas. Opção lacaniana. São Paulo, v. 60, p. 11-37, set. 2011.

PUBLICAÇÕES ONLINE DA EBP

No site da EBP-SP podem ser encontradas as diferentes publicações digitais do Campo Freudiano no Brasil.

Entre em Biblioteca>Links> Publicações online do Campo Freudiano. Entre no link desejado. Veja abaixo as opções:

[Opção Lacaniana Online](#) - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise

[Latusa Digital](#) - Revista digital da EBP-Rio de Janeiro

[Agente Digital](#) - Revista digital da EBP-Bahia

[MOTe Digital](#) - Revista digital da DELEGAÇÃO Rio Grande do Norte

[Almanaque On-line](#) - Revista digital do IPSM-Minas Gerais

OUTRAS PUBLICAÇÕES DO CAMPO FREUDIANO

Além das publicações listadas acima, você pode consultar as publicações digitais do [Campo Freudiano](#) no resto do mundo.

Entre em Biblioteca >Links > Publicações online do Campo Freudiano e depois acesse Links das publicações do CF disponíveis atualmente.



"**Lacan Cotidiano**" é uma publicação diária da Orientação Lacaniana: nossas mídias veiculam as traduções feitas por psicanalistas brasileiros sob a coordenação de [Maria do Carmo Dias Batista](#) e [Cristina Maia](#). A diretora da EBP [Cristina Drummond](#) enviou uma carta solicitando aos analistas da comunidade que colaborem com o trabalho, propiciando a discussão que abrange e concerne a toda a AMP.

2012 na França discute-se o Autismo. [Lacan Cotidiano](#) está publicando artigos e casos clínicos sobre o tema. Confira os números abaixo:

LC127 - Luciana Passinay apresenta um caso clínico [Um Elétron Livre](#).

LC130 - Armelle Gaydon escreve [Senhoras e Senhores](#).

LC132 - No verbete "Momentos Clínicos", [Dia de Sorte no Hospital Dia](#).

LC138 - Hélène Detombe escreve [O Autismo Exclui o Encontro?](#)

LC141 - Comunicado da Agência France: um filme sobre o autismo é proibido.

LC142 - Eric Laurent, [Storytelling e Julgamento](#).

LC143 - Relato por uma deputada do debate entre os deputados de Paris sobre a legislação que regula o tratamento dado aos chamados autistas.

LC148 - Texto elaborado pelo Instituto Psicanalítico da criança: [Autismo e Psicanálise: Nossas Convicções](#).

LC151 - Mariana Alba de Luna, [História da Pequena Pedra](#).

Aqueles que desejarem ler no original francês entrem no site <http://www.lacanquotidien.fr/blog/>

Ecos do Mundo

*****Congresso da AMP



Todos a caminho de Buenos Aires, para o **Congresso da AMP** em abril de 2012.

O Boletim informativo do VIII Congresso da AMP - **Hurry Up!** – pode ser visitado no site: www.congresoamp.com

Reflexões

A ORDEM SIMBÓLICA NO SÉCULO XXI.

A [Carta de São Paulo-ONLINE](#) convidou membros da Seção SP para comentar textos publicados no Scilicet N° 4 – Nova série.

Scilicet é uma **publicação** com uma série de textos preparatórios, no estilo verbete, ao **VIII Congresso da AMP**.

(Texto elaborado por Romildo do Rêgo Barros)



No texto "*Luto - O luto e o novo objeto*", **Romildo do Rêgo Barros** percorre um caminho através dos conceitos de **melancolia e de luto para chegar ao final da análise**, perguntando-se a respeito do real que acompanha o trabalho de luto como uma sombra. Toma como ponto de partida o texto de Freud (1) que tinha o intuito de entender a melancolia através do luto. Percorrerei com o autor esse caminho, primeiramente fazendo a distinção entre esses conceitos.

Segundo **Freud**, tanto o luto quanto a melancolia são "reações" diante de uma perda significativa, que pode ser também de um "ideal" ou de uma "abstração". Se o luto implica um trabalho de elaboração (*Trauerarbeit*) frente a uma perda significativa, não sendo em princípio patológico, na melancolia não há esta possibilidade de elaboração, tratando-se sempre de uma perda ideal.

A melancolia se caracteriza por um desânimo onde há a perda do interesse pelo mundo externo e uma diminuição do sentimento de auto-estima, a ponto de encontrar expressão em se degradar, culminando numa expectativa delirante de punição. A libido livre é deslocada do objeto perdido para o ego, de forma que parte do ego assume o lugar do objeto abandonado, identificando-se com ele. **Freud** explica que a regressão da libido só é possível porque toda escolha objetual possui uma base narcisista, de forma que, frente a obstáculos, a catexia objetual pode retroceder para o ego. A partir da constatação da regressão da libido de forma muito intensa, ele evidencia que a melancolia é uma "neurose narcísica". Trata, portanto, a melancolia como uma psicose. **Lacan**, a partir de uma releitura de Freud, também a descreve como uma psicose, mas especifica a melancolia como uma patologia do desejo e por isso vai tratá-la a partir do objeto *a* e considera que o melancólico está identificado ao objeto *a* na condição de resto, de dejetos.

Hoje se fala em depressão como o mal de nosso século. Numa tentativa de classificar e conceituar esse afeto como doença mental, os manuais de psiquiatria a definem como Depressão Maior, desvalorizando assim tudo o que é particular no sujeito.

Se no luto o mundo se mostra empobrecido, na melancolia é o próprio eu do sujeito que se encontra nesta condição. Enquanto no luto o sujeito sabe quem perdeu e o que perdeu, e pode assim ir desatando os laços que atavam sua libido ao objeto perdido através do trabalho do luto, na melancolia parece que o sujeito não sabe o que perdeu.

No luto, como lembra **Romildo** citando **Freud**, a perturbação da autoestima está ausente, bem como a expectativa delirante de punição. A perda que se apresenta diz respeito ao objeto. Como se elabora o luto para **Freud**? **Romildo** aponta que se há o consentimento com a perda, o sujeito percorre um caminho em duas etapas: redução do objeto perdido ao comum dos objetos, e eleição de um substituto.

A diferença para **Lacan** no processo de elaboração do luto é que ela acontece no eu, tratando-se da desmontagem das diferentes identificações que afetam o simbólico e o imaginário, para dar conta de um furo no real. Não há, portanto, a eleição de um objeto substituto. O luto, portanto, tem um fim: momento de ver, de compreender e de concluir.

Nas últimas jornadas do Clin-a **Marie Hélène Brousse** conta que, ao perder um ente querido, assustou-se quando percebeu que a prescrição de antidepressivos para os familiares fazia parte do protocolo. Consequência do discurso moderno e do imperativo de bem estar, no qual não se pode ficar triste nem diante da perda.

Como pensar a partir do luto o fim da análise?

Se a condição para uma análise é o estabelecimento da transferência, para o final da análise seria seu término. **Freud**, em análises termináveis e intermináveis (2) menciona que são três fatores que reconhecemos como sendo decisivos para o sucesso do tratamento: a influência dos traumas, a força constitucional dos instintos (pulsão) e as alterações do ego. Assim é necessário analisar a força pulsional do sujeito em torno do objeto – sua economia de gozo. Um dos meios para o fim da análise seria a desmontagem da pulsão, ou seja, o desvelamento do objeto com o qual o sujeito está implicado.

O final da análise em **Freud** se dá com a queda da transferência e implica um processo de luto, não só da análise perdida, mas também do analista.

Para **Lacan**, após o analista ser colocado na posição de Sujeito Suposto Saber pelo analisando, ele é destituído desta posição e posteriormente cai enquanto representante do objeto. Se no início da análise, a partir do ato analítico, instaura-se o Sujeito Suposto Saber, no final a sua destituição é também através do ato, que possibilita a inscrição da falta, convocando um sujeito articulado à causa de seu desejo.

Isso implica, de um lado, uma mudança da relação com o saber e de outro, o atravessamento da fantasia, pois o analista deixa de sustentar, com sua presença, o fantasma de seu analisando. A queda do analista da posição de objeto é a mais radical e propicia uma separação mais definitiva.

Toda análise que chega ao final produz um analista e faz emergir um novo desejo. É a fantasia do sujeito que indica o objeto que lhe falta e com o qual está sempre em relação, o objeto *a*, condensador de gozo, que passa a atuar como objeto causa de desejo. A psicanálise interroga a maneira pela qual isso se dá, ou seja, como o sujeito se separa de seu gozo.

Enfim, o encontro do sujeito com o objeto pulsional que aloja para ele a causa do seu desejo está possibilitado pela queda das identificações, que ocorre na travessia da fantasia e encontra o sujeito no ponto fundamental da falha dos Nomes do Pai. Trata-se de uma passagem pelo objeto que o sujeito é para o Outro e o esvaziamento desse gozo, que revela a própria inexistência do Outro.

O analista cai como resto. A operação analítica é uma operação que deixa restos. Ela visa reduzir o sintoma à sua parte mais íntima e mais estrangeira – **seu modo de gozo**. O que não se pode decifrar emerge como um resto que se apresenta como marca de uma satisfação ao mesmo tempo em que surge o desejo do analista, que como lembra Romildo citando Lacan, *seminário VIII*, implica a existência de um luto próprio ao ato analítico.

Referência Bibliográfica

Veridiana Marucio

(1) Freud, S., Luto e Melancolia. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol XIV, Rio de Janeiro, 1014-1910

(2) Freud, S. Análise terminável e não-terminável. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol XXIII. Rio de Janeiro, 1969

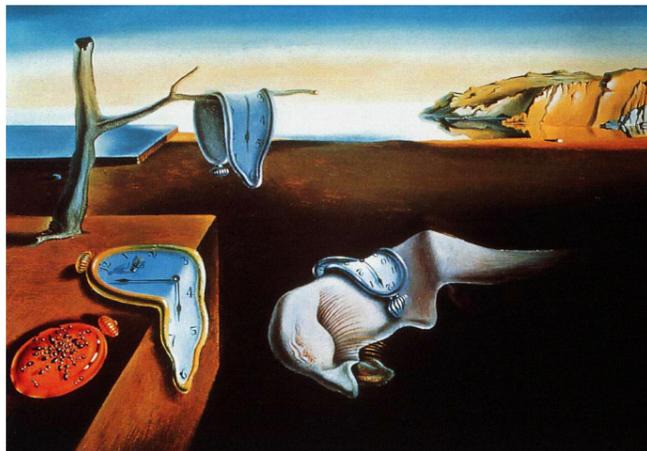
Aceleração temporal

(texto elaborado por Célio Garcia)

A aceleração do tempo rompe os laços

No verbete *Aceleração do tempo* do Silicet(1) para o próximo Congresso da AMP, Célio Garcia questiona a dimensão do tempo na atualidade e sua articulação com um simbólico precário. Pergunta-se como uma nova apreensão da realidade e do tempo na atualidade afetam a clínica e, conseqüentemente, a subjetividade.

Coloca-nos que a rapidez da época atual leva à aceleração. Dada a rapidez da performance, a aceleração é uma conseqüência direta desta, dedução clara no campo da física e da matemática. Esta rapidez se coloca tanto no que podemos operar na realidade, o que inclui laços, comunicação, produção, quanto naquilo que somos operados por ela.



Um aspecto interessante é que esta **aceleração não é espontânea**. Para que ocorra uma melhora da performance em determinada área e a conseqüente aceleração é necessário um salto dado por uma invenção. Comenta o exemplo da descoberta da eletricidade como esse salto, ao invés de pensarmos num aperfeiçoamento da iluminação à vela. Trata-se de um acontecimento que ultrapassa a linha cronológica dos acontecimentos. Um salto de invenção que vai além da ordem simbólica estabelecida, produzindo um avanço e uma aceleração, e porque não, uma outra articulação de sentido.

Se por um lado podemos tomar a perspectiva do salto e da invenção, Célio nos diz que a aceleração da realidade põe em pauta uma espécie de desordem simbólica que desfaz laços: "*É a aceleração da realidade que desfaz os laços por ter nela implícita uma precariedade simbólica*".

A desordem simbólica se dá, a meu ver, articulada numa desvinculação da cronologia, do tempo como finito, linear e histórico, ou seja, pleno de sentido articulado ao Outro. De certo modo, fazendo inconsistir esse Outro. O tempo passa da eternidade à sua irreversibilidade, o que abre o campo para uma escolha ética frente à contingência. "*De repente, o tempo eterno na sua reversibilidade e seus derivados (o ordenamento simbólico, sua sucessão) já não são mais os mesmos, já não tem a mesma eficácia simbólica.*" A aceleração do tempo provocaria um desprendimento do Outro, possibilitando uma dessuposição e a quebra do laço com maior facilidade, na medida em que uma nova articulação e organização do sentido pode ser atropelada por uma nova aceleração. Seria esta a dimensão da precariedade?

Célio nos fala de um duplo diagnóstico na atualidade: **aceleração social e petrificação da sociedade na precariedade de uma desordem simbólica**. Isso questiona diretamente a clínica, tanto no que se pode pensar como saídas sociais, buscando uma restituição da eficácia simbólica, saída impossível, quanto no tratamento do tempo e da contingência numa análise.

Cita Kieslowski e o comentário de Zizek(2) a respeito da *Dupla vida de Veronique* para sustentar esta articulação da ética frente à contingência. Kieslowski(3) faz valer a contingência, *tiquê*, em uma situação disjunta entre passado/presente/futuro. "*É diferente pensar a contingência em situação limitada. Agora vamos pensá-la sob o signo de vidas múltiplas, paralelas*"(4). A idéia trabalhada pelo cineasta coloca a dimensão de vidas paralelas e realidades virtuais, questionando a determinação do destino, abrindo para a sensação de outras escolhas em perspectiva, sempre presentes.

Esta lógica parece não estar em confronto com o que seria possível numa psicanálise levada até seu fim, aonde, apesar da cronologia, "*podemos voltar ao ponto de partida e fazer uma outra escolha, por exemplo, por ocasião de uma análise*"(5), como nos diz Célio.

Enfim, o texto abre questionamentos para a nossa atualidade, onde o tempo lógico desconhece a reversibilidade, mas ao mesmo tempo onde o sujeito se defronta, devido à aceleração, com o presentismo descrito por Hartog onde: "*um presente maciço, invasor, onipresente, sem outro horizonte a não ser ele mesmo, e que fabrica a cada dia, o passado e o futuro dos quais ele tem necessidade*" e conclui: "*Essa a dimensão a que se referem os sintomas em nossos dias, pois assim, diz Hartog, o sujeito (atual) constrói sua própria experiência de tempo. Caberá à psicanálise, ao se fazer presente em nosso tempo, na grande cidade, atenta à discórdia da ordem simbólica contemporânea ("réel de*

lalangue, no dizer de E. Laurent comentando o termo de Lacan), na escuta da linguagem do presentismo..."

Em outro texto, citado aqui, o autor ainda nos indica o tempo topológico como possibilidade de realocação da psicanálise na atualidade.

Referências bibliográficas 1. Garcia, C. A aceleração do tempo. In: Silicet: A ordem simbólica no século XXI. Associação Mundial de Psicanálise. Belo Horizonte, Scriptum, 2011.

Paola Salinas

2. Zizek, S. Lacrimae rerum. Ensaios sobre cinema moderno. Tradução Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo, Boitempo, 2009.

3. Ver também: Oliveira, R. A. Kieslowski e o Outro Mundo. In: Revista Universitária Audiovisual, junho de 2010. www.rua.ufscar.br

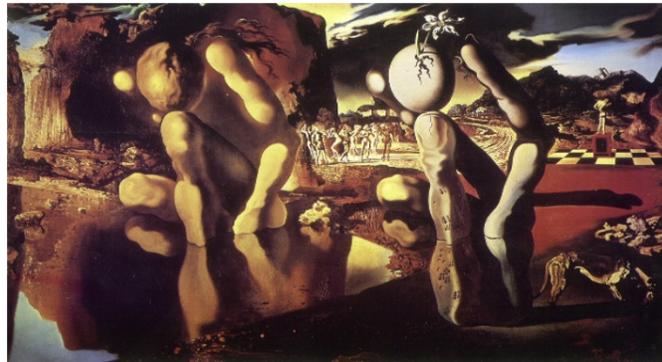
4. Garcia, C. O tempo é objeto muito difícil de ser pensado. In: www.clinicadiss.com.br/artigos/celiogarcia.pdf

5. Garcia, C. Cinematicidade. Nota em Projeto Análise. Jorge Forbes Clínica e Pesquisa em Psicanálise, 2012, www.jorgeforbes.com.br

Possibilidade

(Texto elaborado por Ram Mandil)

Sobre a POSSIBILIDADE



Possibilidade foi o tema colocado em questão por **Ram Mandil** na preparação para o **VIII Congresso da AMP**, "A Ordem Simbólica no século XXI. Não é mais o que era. Quais as conseqüências para o tratamento?".

Partindo de um slogan publicitário utilizado pela Adidas em 2006 – "Impossible is nothing", **Ram** traz indagações sobre a abordagem contemporânea do impossível: estaríamos vivendo um tempo 'de eliminação do impossível' ou da 'extensão ilimitada do possível'?

Detendo-nos um pouco no slogan apresentado, lembramos que veio acompanhado por uma série de histórias de superação de limites e se tornou no campo publicitário, o seu próprio conceito, como o "Just do it" da Nike, permanecendo para um tempo além do que seria previsto para uma campanha – continuou ressoando, tal a penetração da idéia.

Seguindo, **Ram** passa pela lógica e por uma referência à temporalidade para apresentar uma definição do possível e a absorção do possível ao necessário. Daí sugere a razão pela qual o possível não se destaca dentre as categoriais modais apresentadas por **Lacan** em seu *Seminário XX* que ali redefine o necessário, o impossível e o contingente, num "esforço de formalização do real próprio à psicanálise, que faz sua emergência na ordem simbólica como um impasse de inscrição".

Contudo, **Ram** assinala que o possível não está excluído da experiência analítica e lança "uma hipótese: na experiência analítica, a possibilidade está sempre associada a idéia de que a relação sexual é possível de ser escrita."

Distinguindo o possível e o contingente, **Ram** nos apresenta o 'drama do amor' que consiste no engano de tomar o encontro amoroso contingencial como possível: "o *parlêtre* (*falasser*) procura fazer da contingência do seu encontro a realização de uma possibilidade, a ser convertida em necessidade" e cita **Lacan** em seu *Seminário XX*: "Todo amor, por só subsistir pelo para de não se escrever, tende a fazer passar a negação ao não para de se escrever, não para, não parará".

A partir da abordagem de **Ram**, pareceu interessante retomar a apresentação de **Jacques-Alain Miller** em seu *Seminário* sobre "A erótica do tempo" quando ele esclarece: "O que é da ordem do acontecimento propriamente dito é o que não poderia ocorrer, ou seja, tudo aquilo que sai do círculo do possível. Esse é o sentido preciso que **Lacan** dá a contingência." Daí **Miller** falar nas surpresas e particularmente nas surpresas do amor: "Há surpresas do amor porque o acontecimento do amor desmente o impossível da relação sexual."

Se no contemporâneo 'impossível é nada' ou 'possível é tudo', parece ser difícil, diante deste apelo apresentado pela grife esportiva evocado por **Ram**, não deslizar para a questão da performance dos corpos e como isto se atualiza nas relações amorosas.

Em tempos de 'errância dos sujeitos', de 'amores líquidos', o que se escuta com frequência nos tratamentos aponta para a experiência de todos os possíveis e a esquivo do impossível. Os encontros se produzem e reproduzem, mas logo se volatilizam: o que não permanece por vezes se registra como a incompetência de um corpo – o próprio ou não - que falhou em realizar o que lhe cabia; o que permanece se apresenta como a repetição do mesmo, necessário, sem saída.

Um sujeito pronuncia: "ninguém quer nada sério" e retornando em sua própria fala escuta o não está disposto a enfrentar...

"O impossível não é tranquilo, não é o que deixa vocês em paz. Ao contrário, ele é o que está no princípio do que há de mais real."

Contudo, os sujeitos também não parecem tranquilos com o que se apresenta possível, quando revela afinidade com a idéia de ‘eternidade’ ou duração, perspectiva que podemos seguir, como indicado por Ram ao citar Miller, pela via da fantasia. Deste ponto temos a questão tomada no sentido de todas as relações e posições do \$ com o objeto a; objeto ao qual, como já nos indicava Miller, "podemos atribuir os fenômenos de desaceleração do tempo e, correlativamente, a inversão desses fenômenos em aceleração" – onde se está entre o instantâneo e a duração.

Referência Bibliográfica

Cristiana Gallo

Mandil, Ram. Possibilidade. In: Silicet: A ordem simbólica no século XXI. Associação Mundial de Psicanálise. Belo Horizonte, Scriptum, 2011.

Terra de Santa Cruz



XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano - Mulheres de hoje, figuras do feminino no discurso analítico.

Marcelo Veras, Diretor do XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, convida a visitar o Facebook, que servirá de elo entre os dois outros canais de comunicação do XIX Encontro – o Site e o boletim ‘Outras Palavras’, cuja moderação será feita por Lêda Guimarães e Rogério Barros.

Em direção a Salvador, no final do segundo semestre.

90 anos da **Semana de Arte Moderna**. Teatro Municipal de São Paulo, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, a cidade fervilhando com novas linguagens artísticas que buscavam liberação de antigas regras e disciplinas. O comum entre os participantes da **Semana** foi a ideia de romper com o passado e tentar construir uma cultura nacional. Surgindo num contexto de agitações políticas, sociais, econômicas e culturais, as críticas da elite (paulistana em especial) habituada aos modelos europeus arcaicos foram ferozes, mas não se pode deixar de observar que o catálogo da **Semana** tornou-se notável nestes 90 anos.



Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Plínio Salgado, Villa-Lobos, e muitos mais, que se utilizaram das revistas Klaxon e Antropofagia para divulgar suas ideias.



Em exposição no Memorial da América Latina.) (Guerra e Paz - Cândido Portinari

"A linguagem do homem, esse instrumento de sua mentira,
é atravessada de ponta a ponta pelo problema de sua verdade"

(Formulações sobre a causalidade psíquica, In: Escritos, J. Lacan. p.167)

Editora: Bernadette Pitteri - **Revisora:** Sílvia Sato - **Montagem:** Maria Marta Rodrigues Ferreira

Diretoria da EBP-SP

EBP-SP

Diretor Geral:

Rua João Moura, 627 cj. 193

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Diretora Secretária-Tesoureira:

Maria do Carmo Dias Batista

Diretora de Intercâmbio e Cartéis:

Maria Margareth Ferraz de Oliveira

Diretora de Biblioteca:

Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri

CEP 05412-001 - São Paulo - SP

Telefone: 11 3081 8947

Fax: 11 3063 1626

e-mail: ebpsp@ebpsp.org.br

www.ebpsp.org.br

Blog: <http://www.ebp-sp.blogspot.com/>



Recomendar Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.